Apesar desta liberdade de se puder gostar de tudo, ainda assim, as elites conseguem obter mais do que as classes com mais baixos recursos e vou explicar porquê:

As elites que já ouviam Beethoven na casa dos pais apenas têm mais um privilégio de poder gostar de qualquer coisa pois têm mais acesso a tudo, enquanto, por exemplo, um operário, ou alguém que vem de uma outra realidade, tem sim a oportunidade de ter a liberdade de gostar de tudo, mas dificilmente entra num museu, num concerto clássico, porque **não houve esse habitus**.

Mais facilmente vai para a música desta nova era, pois está mais acessível, desde a rádio ou internet, do que propriamente tira um tempo para ir ver ou ouvir o que as elites ouviam e ouvem desde pequenos.

Também há outro fenómeno: **as classes mais vulneráveis estão a ter tendência a gostar de música mais sexualmente expressiva ou mais agressiva**.
Isto até remonta aos tempos antigos, com a geração punk e depois o heavy metal, thrash metal e assim. Apesar de se tornar um gosto, era uma forma de expressão.

E aqui até posso falar de **Karl Marx**, quando diz que o indivíduo tem que agir e não se submeter.
Era assim que antigamente as pessoas se expressavam quando sentiam desigualdades — **agiam, reagiam**.

Raramente se via entre os pares alguém de uma classe social de elite de crista na cabeça e com alfinetes de dama nos ouvidos.
Estou a falar de uma era entre **1970 a 1980**. Depois veio a **Madonna** e a música tornou-se uma **expressão sexual simbólica**.

Hoje em dia, com o **rapper**, tornou-se uma **representação explícita sexualmente**.

Mas afinal, quem são estas pessoas que se sentem atraídas por estas dinâmicas agressivas e sexuais?
Continuam a ser as **pessoas mais vulneráveis ou menos instruídas**, que vão na onda e descarrilam por ali fora sem freio, enquanto as elites por seu lado até vão aos concertos destes autores, batem palmas, cantam, dançam...

Mas ao fim do dia, continuam a preservar o seu **capitalismo e status social**.

Peterson tem a sua razão, mas **Pierre Bourdieu ainda supera o que disse**, e até penso que nos anos que se seguem ainda iremos falar muito da **sociologia de Pierre Bourdieu**, visto o caminho que o mundo está a tomar.

Enquanto não utilizarmos os conceitos "quase esquecidos" de **Max Weber** e começarmos a olhar para o ser humano como humano, vulnerável a estas coisas todas, e que **precisa de uma sociedade que se organize e lhe dê a mão**.